

Educação Física e Educação Popular: um estado da arte

Antonio Jansen Fernandes da Silva¹, Dirlene Almeida Ferreira², Francisco Filipe Damasceno Fernandes³, Maria Eleni Henrique da Silva⁴

Resumo

Este estudo analisou a interface entre Educação Popular e Educação Física, destacando como os princípios da pedagogia crítica contribuem para uma abordagem emancipatória no ensino. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi conduzida por meio de um estado da arte em periódicos científicos classificados entre os estratos A1 e B2 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, contemplando publicações dos últimos 10 anos (2015-2024). Os resultados indicam que a Educação Física, ao dialogar com a Educação Popular, favorece a construção de metodologias participativas, a valorização dos saberes culturais e o desenvolvimento da consciência crítica dos/das estudantes. Além disso, a análise evidenciou a presença de referenciais freireanos, como o diálogo e a problematização, nas práticas pedagógicas investigadas. Conclui-se que a Educação Física, quando pautada nos pressupostos da Educação Popular, pode se tornar um espaço potente de transformação social e de democratização do conhecimento.

Palavras-chave

Educação Popular. Educação Física. Metodologias participativas. Ensino crítico. Transformação social.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Brasil; pós-doutoral em Ciências da Saúde pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil. E-mail: jansentimao@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará, Brasil; professora no Governo do Estado do Ceará, Brasil; professora na Prefeitura Municipal de Maracanaú, Ceará, Brasil. E-mail: dirlenealmeida@gmail.com.

³ Doutorando em Educação na Universidade Federal do Ceará, Brasil. E-mail: filipeljr@gmail.com.

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil; professora na Universidade Federal do Ceará, Brasil; diretora do Instituto de Educação Física e Esportes na mesma instituição. E-mail: melenih@hotmail.com.

Physical education and Popular Education: a state-of-the-art review

Antonio Jansen Fernandes da Silva¹, Dirlene Almeida Ferreira², Francisco Filipe Damasceno Fernandes³, Maria Eleni Henrique da Silva⁴

Abstract

This study analyzed the interface between Popular Education and physical education, highlighting how the principles of critical pedagogy contribute to an emancipatory approach to teaching. The qualitative study was conducted as a state-of-the-art review of scientific journals ranked between A1 and B2 by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel, encompassing publications from the past ten years (2015-2024). The results indicated that physical education, by engaging with Popular Education, promotes the development of participatory methodologies, the appreciation of cultural knowledge, and the cultivation of students' critical consciousness. Furthermore, the analysis revealed the presence of Freirean principles, such as dialogue and problem-posing, in the pedagogical practices examined. The study concluded that physical education, when grounded in the principles of popular education, can become a powerful space for social transformation and the democratization of knowledge.

Keywords

Popular Education. Physical education. Participatory methodologies. Critical pedagogy. Social transformation.

¹ PhD in Education, Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil; postdoctoral degree in Health Sciences, Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará, State of Ceará, Brazil. Email: jansentimao@hotmail.com.

² PhD in Education, Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil; teacher at the Government of the State of Ceará, State of Ceará, Brazil; teacher at the Municipal Government of Maracanaú, State of Ceará, Brazil. Email: dirlenealmeida@gmail.com.

³ PhD candidate in Education, Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil. Email: filipeljr@gmail.com.

⁴ PhD in Education, Federal University of Paraíba, State of Paraíba, Brazil; professor at the Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil; director of the Institute of Physical Education and Sports at the same institution. Email: melenih@hotmail.com.

Introdução

Nos últimos anos, a Educação Popular se destaca como objeto de estudo de diversos campos do conhecimento, abordando diferentes possibilidades que possam acompanhar as transformações sociais, culturais, econômicas, éticas e estéticas, com o intuito de contrapor o pensamento hegemônico e hierárquico da sociedade moderna.

Ao tratar do seu conceito, Brandão (2012) pondera não se tratar de um modelo único de prática pedagógica, mas sim um domínio de ideias e de práticas regido pelas diferenças, de maneira rebelde aos sistemas de dominação vigentes. Ademais, o autor apresenta diferentes sentidos para a Educação Popular, ora tratando-a como a educação da comunidade primitiva anterior à divisão social do saber — ou como a educação do ensino público —, ora como a educação das classes populares — ou como a educação em uma sociedade igualitária e sem classes (Brandão, 2012).

De acordo com Damasceno (2005), a Educação Popular na América Latina vem assumindo, historicamente, um papel fundamental para a garantia de direitos básicos das classes subalternas, por contribuir significativamente para a elucidação de questões relativas à educação, à democratização da sociedade, à compreensão de cultura, às relações sociais e às mudanças nas estruturas de poder.

Figueiredo (2009) contribui para o entendimento desse complexo conceito ao destacar que a Educação Popular está vinculada à educação das classes populares, ou seja, daquelas que, historicamente, foram excluídas dos processos educacionais formais e submetidas a condições de opressão no âmbito laboral e econômico. Dentre as experiências brasileiras mais significativas, o autor ressalta as campanhas de alfabetização de jovens e adultos/as, bem como as iniciativas de erradicação do analfabetismo.

Piletti, C. e Piletti, N. (2024), em consenso com os autores anteriormente citados, destacam a importância de Paulo Freire para o desenvolvimento e a disseminação da ideia de Educação Popular. Desde a década de 1950, o educador pernambucano esteve envolvido com experiências de alfabetização de adultos/as em áreas rurais e urbanas, consolidando um projeto educativo que atravessaria toda a sua trajetória intelectual e política.

Nesse sentido, destaca-se a experiência de Angicos — um projeto inovador de alfabetização de adultos que se tornou marco mundial da educação libertadora — no estado do Rio Grande do Norte. Experimentando métodos, técnicas e processos de comunicação, a ideia básica do método de Freire era adequar o processo educativo às características, aos saberes e

aos instrumentos de trabalho do meio no qual os educandos e as educandas estavam inseridos/as.

Logo, a educação é popular quando está comprometida com a emancipação das pessoas menos favorecidas e com a construção de uma nova consciência do mundo e do papel das classes sociais. O diálogo é categoria central, quando sujeitos do processo educativo buscam desvelar os reais interesses e as necessidades das classes populares, vislumbrando a realização da vocação ontológica do ser humano, que é, para Freire, *ser-mais* (Figueiredo, 2009).

A Educação Física escolar pode contribuir com os objetivos da Educação Popular, uma vez que há vertentes de caráter crítico que, desenvolvidas e popularizadas a partir das décadas de 1980 e 1990, vislumbram mudanças nas formas de ensino desse componente curricular, questionando as tendências pedagógicas de caráter mecanicista, esportivista e tecnicista. Tais abordagens são enquadradas por Machado (2012) como movimentos renovadores da Educação Física, os quais têm alinhamento com perspectivas sociais e pedagógicas com viés humanista e comprometido com a transformação social brasileira.

De acordo com Piletti, C. e Piletti, N. (2024), entre 1946 e 1964, o Brasil teve uma considerável atuação de movimentos de Educação Popular destinados, principalmente, à alfabetização de adultos/as com patrocínio do Governo Federal. Nesse espaço de tempo, entre o fim do Estado Novo e o golpe que deu início à Ditadura Militar, segundo os autores, o país viveu quase duas décadas de regime democrático, no qual havia eleições diretas em todos os níveis, desde vereadores/as a presidentes da república.

Contudo, quase metade dos/das brasileiros/as acima dos 15 anos de idade era analfabeta e não podia votar, o que teria ocorrido por volta da década de 1950. Logo, alfabetizar essa considerável parcela da população era uma forma de tornar o Brasil um país mais democrático e, conseqüentemente, com maior participação das classes populares. Dentre esses movimentos de Educação Popular, recebem destaque a Campanha de Educação de Adultos, o Movimento de Educação de Base e o Programa Nacional de Educação.

Por ser um país que, historicamente, utilizou-se de mão de obra escravizada, usurpou terras e praticou o genocídio de povos indígenas, não é difícil afirmar que os projetos de educação predominantes no Brasil, quase sempre, estiveram alinhados com os interesses das classes dominantes. Portanto, o aparato estatal servia para a concretização ideológica daqueles que exerciam o poder hegemônico (Figueiredo, 2009). Isso significa que a mobilização e a conscientização popular nunca foram vistas com bons olhos, e, por isso, os esforços das classes dominantes centravam-se na manutenção da alienação dos produtos laborais, das relações de trabalho e dos papéis exercidos pelos indivíduos na sociedade.

Em contrapartida aos modelos restritivos e antidemocráticos que beneficiam, exclusivamente, as classes dominantes, surgem, no século 20, as iniciativas e os movimentos reconhecidos como oriundos da Educação Popular, os quais nasceram como resposta à existência do inegável conflito político e das disputas entre classes sociais no seio da sociedade brasileira.

Figueiredo (2009) é assertivo ao afirmar que uma proposta de Educação Popular transcende belos discursos e falas humanitárias generalistas. Todavia, para um projeto de educação ser considerado popular, é necessária a consolidação de uma práxis comprometida com a alteração do *status quo* das relações de poder em uma sociedade — ou seja, é preciso haver engajamento para se superar a situação concreta de exploração e opressão. Para o autor, construir uma consciência sobre o mundo e a sociedade com — e não para — as classes populares é a tarefa principal da Educação Popular (Figueiredo, 2009).

Damasceno (2005) coaduna com as afirmações anteriores e acrescenta que a Educação Popular contribui de forma extremamente efetiva para fortalecer a consciência dos/das trabalhadores/as e oprimidos/as com relação à transformação da sociedade, uma vez que isso abre horizontes e ajuda na compreensão das transformações e das contradições das sociedades capitalistas do chamado “terceiro mundo”. Isso está diretamente relacionado a um processo de formação e de aprendizagens significativas, em que teoria e prática não se dissociam e contribuem para o desenvolvimento integral do ser humano.

Brandão (2012) aborda a Educação Popular como um novo paradigma de educação que se voltou contra o modelo de educação hegemônico e que, posteriormente, voltou-se contra as condições sociais de desigualdade para, em seguida, afirmar-se como possibilidade de transformar as relações sociais e a própria sociedade. Ademais, ele aponta que, nos primeiros escritos de Paulo Freire, a Educação Popular é tida como uma forma de “prática cultural para a liberdade” (Brandão, 2012, p. 48), a qual deveria transformar todo o sistema e toda a lógica simbólica da educação tradicional.

Nesse horizonte, Freire (2017) é claro ao considerar as sociedades de classe como responsáveis pela desumanização daqueles que não nasceram em famílias abastadas ou de classes dominantes. Para o autor, o ser humano é um ser inconcluso que está inscrito em um permanente movimento de busca, no qual humanização e desumanização são possibilidades (Freire, 2017). Nesse sentido, as injustiças sociais, a exploração, as diversas formas de opressão e os diversos tipos de violências impedem o autorreconhecimento do humano nessa perspectiva, fazendo com que eles/as almejem assumir o lugar do/da opressor/a e neguem a humanidade aos/às demais.

Assim, há humanização somente na desalienação, no trabalho livre e na afirmação das pessoas como “seres para si” e não para os interesses daqueles/as que oprimem. Logo, é fato que, para *ser-mais* (Freire, 2017), é preciso superar as desigualdades e as situações de exploração e de opressão, tão normalizadas na contemporaneidade, especialmente em contextos neoliberais.

A partir dos anos 1980, o movimento renovador da Educação Física diversificou e ampliou os debates da área, buscando superar os paradigmas da aptidão física, do esportivismo e do tecnicismo. Esse movimento aproximou-se de diferentes matrizes críticas de interpretação da educação e da sociedade, entre elas o materialismo histórico, a teoria crítica, a fenomenologia e outras perspectivas comprometidas com a transformação social (Machado, 2012).

Nesse percurso histórico, é importante registrar que o termo “Educação Física Popular” está presente em formulações do debate crítico da área, como em Ghiraldelli Junior (1991), ao discutir uma Educação Física vinculada a projetos pedagógicos progressistas e comprometidos com a transformação social. Essa referência evidencia que a aproximação entre Educação Física, crítica social e Educação Popular não é recente, embora tenha assumido diferentes mediações teóricas ao longo do tempo.

Obviamente, algumas tendências são consideradas mais “revolucionárias” do que outras, mas todas propuseram metodologias e formas de ensino que, apesar de não trazerem referências à ideia de Educação Popular, assemelham-se a ela por almejarem mais igualdade, democracia e justiça social.

No campo da Educação Física brasileira, a aproximação com perspectivas críticas de educação ganhou maior densidade no contexto do movimento renovador, especialmente a partir do final dos anos 1970 e ao longo das décadas de 1980 e 1990. Nesse processo, a crítica às concepções biologicistas, tecnicistas, esportivistas e mecanicistas possibilitou interlocuções com projetos pedagógicos comprometidos com a democracia, participação, emancipação e transformação social. Furtado (2023) destaca que, nesse movimento, as contribuições de Paulo Freire aparecem em formulações importantes da área, como nos trabalhos de João Paulo Soares e Elenor Kunz, especialmente por meio de categorias como consciência, diálogo, problematização, liberdade e transformação.

É importante ressaltar, contudo, que Educação Popular e pedagogia freireana não são tomadas, neste estudo, como expressões equivalentes. A Educação Popular constitui um campo mais amplo de práticas, experiências e formulações político-pedagógicas voltadas à emancipação das classes populares, enquanto a pedagogia freireana representa uma de suas matrizes mais influentes. Desse modo, interessa-nos compreender se, na produção acadêmica

da Educação Física, a Educação Popular é discutida em sua amplitude ou se aparece, predominantemente, mediada pelas categorias formuladas por Paulo Freire.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi mapear e analisar as produções científicas que discutem a relação entre Educação Popular e Educação Física na literatura acadêmica brasileira. Para atingir esse objetivo, realizou-se um estado da arte, que utilizou, como fontes de pesquisa, periódicos científicos que pontuam em ambas as áreas de conhecimento supracitadas.

Metodologia

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa do tipo estado da arte. Segundo Ferreira (2002), o estado da arte se propõe a revisar o conhecimento já consolidado em um campo específico, identificando as principais tendências, os avanços, os desafios e as lacunas na área investigada, a partir de uma abordagem crítica e reflexiva.

O levantamento foi realizado a partir da identificação de periódicos científicos classificados entre os estratos A1 a B2 do Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considerando revistas das áreas de educação e educação física. Após essa etapa, as buscas foram desenvolvidas nos próprios portais dos periódicos selecionados, utilizando os descritores previamente definidos. Esse procedimento permitiu localizar artigos que abordassem, de modo direto ou aproximado, a relação entre Educação Física, Educação Popular, cultura popular e pedagogia freireana.

Para garantir a relevância e a adequação dos estudos selecionados, foram definidos critérios específicos de inclusão. Primeiramente, os estudos deveriam ter uma relação direta com a Educação Física, abordando-a em diversos contextos, como o escolar, o comunitário ou o universitário.

Além disso, os artigos deveriam estabelecer uma conexão explícita entre a Educação Física e os princípios da Educação Popular, tais como autonomia, diálogo, conscientização, emancipação, transformação da realidade, participação ativa e engajamento (Brandão, 2012). Esses critérios garantem que as produções selecionadas explorem a integração das práticas pedagógicas da Educação Física com as metodologias críticas defendidas pela Educação Popular.

Ademais, foi estabelecido um recorte temporal, considerando apenas artigos publicados nos últimos dez anos (2015-2024), a fim de garantir que a análise se baseasse em trabalhos recentes e relevantes. Por último, apenas os artigos escritos em português, inglês ou espanhol,

disponíveis em texto completo, foram incluídos, permitindo uma análise detalhada de seu conteúdo.

Revisões de literatura não foram automaticamente excluídas do *corpus*, desde que contribuíssem para compreender tendências, recorrências e mediações conceituais presentes na produção acadêmica da área. Assim, a inclusão de artigo de revisão sistemática justificou-se por sua contribuição para identificar como as categorias freireanas vêm sendo mobilizadas nos estudos sobre Educação Física e práticas corporais. Desse modo, tal produção não foi analisada apenas como levantamento secundário, mas como evidência da própria forma como o campo tem construído sua aproximação com Paulo Freire e, por consequência, com a Educação Popular.

Foram excluídos os estudos que não abordavam diretamente a Educação Física, ou seja, os textos que apenas mencionavam Educação Popular, Paulo Freire ou cultura popular sem desenvolver relação analítica com o objeto investigado; além de materiais sem acesso integral; publicações que não fossem artigos científicos completos e revisados por pares; resumos de congresso; capítulos de livro; dissertações; teses; editoriais; entrevistas; e, por fim, textos que não apresentavam aderência ao recorte temporal definido.

Após a seleção inicial dos periódicos, deu-se início à fase de triagem dos artigos, utilizando os descritores. Esse processo foi complementado pelo *download* dos artigos identificados nas revistas, possibilitando a análise de seus títulos, seus resumos e suas palavras-chave. Quando os descritores pesquisados foram localizados, os textos completos foram obtidos para uma análise mais aprofundada.

Inicialmente, foram identificados 157 periódicos classificados nos estratos A1 a B2 do Qualis/Capes (2021-2024). A partir desses periódicos, realizou-se a busca utilizando os descritores “Educação Popular AND Educação Física” e “Cultura Popular AND Educação Física”, resultando em 20 periódicos encontrados. Após a leitura de títulos, resumos e palavras-chave, 40 textos foram considerados potencialmente relevantes e lidos na íntegra. Ao final, nove artigos atenderam aos critérios de inclusão e compuseram o *corpus* da pesquisa.

Na etapa de triagem, procedeu-se à leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos artigos encontrados, sendo excluídos aqueles que não apresentavam relação direta com o objeto de estudo. Em seguida, os textos potencialmente relevantes foram lidos na íntegra, permitindo a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos.

Durante esse processo, os artigos inicialmente identificados foram denominados “encontrados”. Após a leitura completa e a verificação da pertinência, constituiu-se o conjunto de artigos “selecionados”. Ao final desse percurso, foram selecionados nove artigos, os quais

compõem o *corpus* de análise apresentado na seção “Resultados e Discussão” (Quadro 1).

Embora não se apresente fluxograma em razão dos limites editoriais do artigo, o percurso metodológico foi descrito sequencialmente, contemplando identificação dos periódicos, aplicação dos descritores, leitura de títulos, resumos e palavras-chave, bem como leitura integral dos textos potencialmente elegíveis e definição final do *corpus*.

Resultados e Discussão

Nesta seção, apresentam-se e discutem-se os artigos selecionados, buscando compreender como a interface entre Educação Física e Educação Popular está sendo construída na produção acadêmica. O Quadro 1 apresenta a síntese dos artigos selecionados, considerando título, periódico, autoria, objetivo e tipo de estudo.

Quadro 1 – Artigos selecionados acerca da Educação Física e Educação Popular

	TÍTULO / ANO	PERIÓDICO / QUALIS	AUTORIA	OBJETIVO DO ESTUDO	TIPO DE ESTUDO
1	Alfabetização corporal: nova perspectiva para o ensino da Educação Física na escola (2024)	Olhares e Trilhas (A4)	Correia e Borges (2024)	Refletir sobre o papel da Educação Física no processo de alfabetização corporal, propondo uma nova perspectiva para o ensino nas escolas, com ênfase na integração do corpo como um método de ensino.	Ensaio teórico.
2	Comunidades quilombolas, práticas corporais e Educação Física escolar: o estado da arte (2023)	Revista de Educação Popular (A3)	Campos e Maldonado (2023)	Compreender a cultura das práticas corporais realizadas nas comunidades quilombolas e verificar se essas manifestações culturais são incorporadas nas aulas de Educação Física Escolar a partir da perspectiva da Educação Popular.	Estado da arte.
3	A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física escolar libertadora (2023)	Revista de Educação Popular (A3)	Nogueira, Maldonado e Freire (2023)	Identificar e delinear os princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos que orientam a prática pedagógica na Educação Física Escolar, com base na pedagogia libertadora de Paulo Freire. Além disso, o estudo também visou a contribuir para a construção de práticas pedagógicas que resistam às formas hegemônicas de ensino e que promovam uma Educação Física crítica e emancipadora.	Pesquisa qualitativa com narrativas, relatos de experiência, cartas pedagógicas e círculos de cultura.

	TÍTULO / ANO	PERIÓDICO / QUALIS	AUTORIA	OBJETIVO DO ESTUDO	TIPO DE ESTUDO
4	Relações de gênero na Educação Física escolar: contribuições da Educação Popular (2022)	Motricidade: revista da sociedade de pesquisa qualitativa em motricidade humana (A3)	Zavatto Junior e Vasconcelos (2022)	Compreender as relações de gênero no ambiente escolar, manifestadas nas aulas de Educação Física, a partir da perspectiva de estudantes ⁵ do 6º e 7º ano do ensino fundamental, e verificar como os princípios da Educação Popular podem contribuir para a denúncia das desigualdades de gênero e para a construção de uma educação mais equitativa.	Quali-quantitativa com questionário e rodas de conversa.
5	Reflexões sobre a importância do diálogo em um fazer pedagógico na Educação Física escolar (2021)	Estudos Aplicados em Educação (A4)	Bonfietti e Prodócimo (2021)	Refletir sobre a importância do diálogo na prática pedagógica das aulas de Educação Física escolar, a partir das ideias de Paulo Freire. A pesquisa buscou destacar como o diálogo pode ser um elemento fundamental para transformar as aulas em um espaço de construção coletiva e crítica, onde docentes e estudantes participam de forma ativa e colaborativa.	Relato de experiência.
6	Círculo de cultura e Educação Física escolar: inspirações decoloniais em Paulo Freire (2021)	Revista de Educação Popular (A3)	Sousa (2021)	Verificar como o Círculo de Cultura, inspirado na visão decolonial de Paulo Freire, está sendo utilizado na prática pedagógica da Educação Física Escolar. O estudo analisou como essa estratégia metodológica pode contribuir para a Educação Popular, oferecendo novas práticas corporais e promovendo o diálogo, a conscientização e a participação efetiva dos estudantes.	Ensaio teórico.
7	Educação Popular em saúde e planejamento participativo na Educação Física escolar (2020)	Revista de Educação Popular (A3)	Collier (2020)	Refletir sobre as relações entre a Educação Física Escolar, a promoção da saúde e a Educação Popular em Saúde, com foco na aplicação da metodologia do planejamento participativo. O estudo visou a demonstrar como essas abordagens podem colaborar para o empoderamento comunitário e a promoção da saúde, ampliando o conhecimento sobre a cultura corporal e incentivando a autonomia dos estudantes dentro e fora da escola.	Relato de experiência.
8	Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento (2018)	Movimento (B1)	Nogueira et al. (2018)	Entender como a teoria freireana tem sido estudada pela comunidade acadêmica da Educação Física, com foco nas práticas corporais, como danças, lutas, ginásticas, esportes e atividades rítmicas e expressivas. O estudo buscou mapear a produção de conhecimento sobre a temática e discutir as categorias de consciência, cultura popular e empoderamento, ligadas aos conceitos de Paulo Freire.	Revisão sistemática.

⁵ Neste artigo, optou-se pelo uso predominante do termo “estudantes”, a fim de atender à padronização terminológica e favorecer a fluidez textual. As expressões “educandos” e “educandas” foram preservadas apenas quando vinculadas ao vocabulário freireano ou quando necessárias à precisão conceitual do argumento.

	TÍTULO / ANO	PERIÓDICO / QUALIS	AUTORIA	OBJETIVO DO ESTUDO	TIPO DE ESTUDO
9	Dança e educação: considerações a partir da contradança de Santa Cruz (2016)	Educação e Emancipação (A3)	Paiva e Ghamoun (2016)	Refletir sobre a importância da contradança de Santa Cruz de Goiás no contexto das aulas de Educação Física. O estudo buscou analisar como essa manifestação cultural pode ser incorporada ao currículo escolar, promovendo a valorização da cultura popular e sua relevância na educação.	Qualitativa e quantitativa, com abordagem etnográfica - participante.

Fonte: elaborado pelos autores (2025), com base nos artigos selecionados e na classificação Qualis/CAPES 2021–2024.

A análise dos artigos evidencia que a relação entre Educação Física e Educação Popular tem sido construída, predominantemente, por meio da mobilização de categorias da pedagogia freireana, como diálogo, problematização e participação. Esse achado indica que, no campo da Educação Física, a Educação Popular tem sido frequentemente abordada a partir das contribuições de Paulo Freire, revelando a centralidade desse referencial e, ao mesmo tempo, a necessidade de ampliação do debate para outras perspectivas teórico-pedagógicas.

A distribuição temporal dos artigos sugere que a interface entre Educação Física e Educação Popular tem ganhado maior visibilidade nos últimos anos, especialmente a partir de 2020. Mais do que indicar apenas um crescimento quantitativo, esse dado revela a ampliação de preocupações com práticas pedagógicas participativas, valorização dos saberes culturais, crítica às desigualdades e construção de experiências educativas comprometidas com a emancipação. Nesse sentido, os estudos mais recentes apontam para uma Educação Física que pretende disputar o currículo escolar e comunitário como espaço de diálogo, reconhecimento e transformação.

Um dos achados centrais do levantamento é que a interface entre Educação Física e Educação Popular aparece, no *corpus* analisado, fortemente mediada pela pedagogia freireana. Essa constatação não autoriza reduzir a Educação Popular a Paulo Freire, mas permite afirmar que, na produção acadêmica da Educação Física, categorias como diálogo, problematização, conscientização, autonomia e transformação têm operado como principais vias de aproximação entre esses campos. Esse achado dialoga com Furtado (2023) ao evidenciar que as contribuições freireanas continuam sendo relevantes para pensar a legitimidade da Educação Física escolar em perspectiva ontológica, epistemológica e ético-política.

Entre as publicações mais recentes, destacam-se “Alfabetização corporal: nova perspectiva para o ensino da Educação Física na escola” (Correia; Borges, 2024) e “Comunidades quilombolas, práticas corporais e Educação Física escolar: o estado da arte”

(Campos; Maldonado, 2023), que apontam para uma abordagem mais crítica e ampla das interseções entre corpo, cultura e práticas pedagógicas no campo da Educação Física escolar. Esses estudos não apenas exploram novos horizontes, como também dialogam com as transformações sociais e educacionais contemporâneas, propondo soluções que conectam o ensino à realidade sociocultural dos estudantes.

Por outro lado, artigos como “Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento” (Nogueira *et al.*, 2018) e “Dança e educação: considerações a partir da contradança de Santa Cruz” (Paiva; Ghamoun, 2016) desempenharam um papel precursor ao consolidar a temática no debate acadêmico.

Essas publicações lançaram as bases para investigações futuras, explorando as possibilidades de práticas corporais como elementos centrais na construção de uma Educação Física transformadora e alinhada aos princípios da Educação Popular.

A análise dos dados temporais indica não apenas um amadurecimento do tema no cenário acadêmico, mas uma intensificação das discussões nos últimos anos, evidenciando o reconhecimento da Educação Física como espaço de transformação social e cultural. Esse movimento expressa uma articulação mais consistente entre teoria e prática, em consonância com as demandas por uma educação inclusiva, crítica e atenta aos desafios da contemporaneidade.

A análise do Qualis Capes dos periódicos das produções selecionadas aponta uma predominância de publicações em revistas classificadas como A3, evidenciando a circulação do tema em periódicos qualificados da área. Dentre os nove artigos analisados, seis foram publicados em revistas A3, com destaque para a Revista de Educação Popular, que concentra quatro produções do *corpus*. Ademais, foram identificadas publicações em periódicos A4, como as revistas “Olhares e Trilhas” e “Estudos Aplicados em Educação”, além de uma publicação em periódico B1, especificamente a revista “Movimento”.

Esses dados indicam que a interface entre Educação Física e Educação Popular tem alcançado visibilidade acadêmica relevante, embora ainda concentrada em poucos veículos de publicação. Ressalta-se que a classificação Qualis Capes utilizada corresponde ao quadriênio 2021-2024, consultado no momento da revisão do manuscrito, reconhecendo-se que eventuais atualizações posteriores da Plataforma Sucupira — sistema oficial da Capes — poderão alterar a classificação dos periódicos.

Os objetivos dos artigos selecionados evidenciam que a Educação Popular tem sido mobilizada na Educação Física menos como um campo abstrato de referência e mais como uma orientação político-pedagógica para enfrentar problemas concretos da prática educativa. Entre

esses problemas, destacam-se a desvalorização de saberes culturais, as desigualdades de gênero, a baixa participação estudantil, a hegemonia de práticas esportivizadas e a necessidade de construir metodologias dialógicas e participativas.

Essa diversidade temática abrange alfabetização corporal, desconstrução de estereótipos de gênero, valorização de práticas culturais locais, planejamento participativo e abordagens críticas e decoloniais, destacando o papel do componente curricular como uma ferramenta pedagógica capaz de promover reflexões críticas e mudanças sociais significativas.

Em termos analíticos, os artigos revelam que a Educação Popular tem sido mobilizada na Educação Física como resposta a três problemas recorrentes: a tecnificação das práticas corporais, a invisibilização dos saberes culturais dos sujeitos e a permanência de desigualdades nas relações escolares.

Essa tendência aparece em estudos que discutem alfabetização corporal, práticas corporais quilombolas, relações de gênero, planejamento participativo, diálogo e círculos de cultura, evidenciando que a Educação Física não se limita ao ensino de técnicas corporais, mas constitui um campo de disputas sobre participação, cultura, corpo, reconhecimento e formação humana (Correia; Borges, 2024; Campos; Maldonado, 2023; Zavatto Junior; Vasconcelos, 2022; Collier, 2020; Bonfietti; Prodócimo, 2021; Sousa, 2021).

Nesse conjunto de produções, a Educação Popular aparece como orientação político-pedagógica capaz de tensionar práticas centradas no rendimento, na repetição técnica e na reprodução de conteúdos hegemônicos. Ao valorizar o diálogo, a participação e os saberes produzidos nos territórios, os estudos indicam possibilidades de uma Educação Física mais comprometida com o reconhecimento cultural, com a democratização das práticas corporais e com a leitura crítica da realidade.

Entre essas problemáticas, as relações de gênero aparecem como dimensão importante da crítica às desigualdades escolares, uma vez que os estudos indicam que a Educação Popular pode contribuir para denunciar estereótipos, ampliar a participação de meninas e meninos e construir práticas corporais mais equitativas nas aulas de Educação Física (Zavatto Junior; Vasconcelos, 2022).

Essa leitura permite afirmar que a interface entre Educação Física e Educação Popular desloca o foco da aula da mera transmissão de técnicas para a construção coletiva de sentidos. Desse modo, o corpo deixa de ser compreendido apenas como objeto de desempenho, sendo analisado como lugar de expressão, memória, identidade, pertencimento e participação social. Esse deslocamento aproxima os estudos analisados das categorias freireanas de diálogo, problematização, conscientização, autonomia e transformação, sem, contudo, reduzir a

Educação Popular à pedagogia de Paulo Freire. Ao contrário, o *corpus* indica que a pedagogia freireana tem sido uma das principais mediações pelas quais a Educação Popular chega ao debate da Educação Física, ao mesmo tempo em que aponta a necessidade de ampliar o diálogo com outras experiências, sujeitos e tradições político-pedagógicas do campo popular (Paiva; Ghamoun, 2016; Nogueira *et al.*, 2018; Nogueira; Maldonado; Freire, 2023).

Em conjunto, esses estudos indicam que a Educação Popular tem contribuído para deslocar a Educação Física de uma lógica centrada na reprodução técnica das práticas corporais para uma perspectiva voltada à leitura crítica da realidade. O diálogo, a participação e a problematização aparecem como mediações fundamentais para compreender as práticas corporais como experiências culturais atravessadas por relações de poder, pertencimento, exclusão e resistência.

Princípios freireanos existentes nos artigos

Com o intuito de investigar os princípios freireanos presentes nos artigos selecionados nesta pesquisa, elaborou-se o Quadro 2 para demonstrar a presença de princípios freireanos nos trabalhos analisados.

Quadro 2 – Princípios freireanos presentes nos trabalhos sobre a Educação Popular e Educação Física

Princípios freireanos	Números de artigos
Diálogo	9
Saberes da experiência feita	8
Conscientização	7
Transformação da realidade/emancipação	7
Criticidade	4
Participação coletiva	4
Problematização	2
Corpo consciente	1

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Os achados indicam que todos os artigos apresentam o princípio do diálogo, que, para Freire (2017), constitui um fenômeno humano realizado pela palavra, articulando ação e reflexão. Essa compreensão permite analisar o diálogo não apenas como estratégia metodológica, mas como princípio político-pedagógico que orienta a construção coletiva do conhecimento.

Quem dialoga, dialoga com alguém sobre algo. Na medida em que o diálogo se centra

em torno das situações codificadas, os/as participantes respondem de formas diversas, sejam educadores/as ou educandos/as, aos desafios do uso da palavra e da vida social.

Dessa forma, as diversas situações que ocorrem na vivência dos/das integrantes do círculo do diálogo serão mais dinâmicas quando os temas discutidos corresponderem a situações da realidade do grupo que dialoga. Afinal, é no diálogo que os homens se encontram, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando na relação entre o *eu-tu* (Freire, 2014).

A maioria significativa dos trabalhos pesquisados demonstra que o saber da experiência feita é outro princípio considerado. A práxis pedagógica deve considerar dois tipos de conhecimentos: o “conhecimento do senso comum [e o] conhecimento sistemático do educador” (Freire, 2017, p. 39).

Nesse horizonte, não se pode zerar “o saber de experiência feita”, tampouco a “competência técnica científica”, pois os conhecimentos se complementam. Segundo Freire (1999, p. 31, grifo do autor),

[é] preciso que o educador saiba que o seu “aqui” e o seu “agora” são quase sempre o “lá” do educando, mesmo que o sonho do educador seja não somente tornar o seu “aqui-agora”, o seu saber, acessível ao educando, mas ir mais além de seu “aqui-agora” com ele ou compreender, feliz, que o educando ultrapasse o seu “aqui”, para que este sonho se realize, tem que partir do “aqui” do educando e não do seu. No mínimo, tem de levar em consideração a existência do “aqui” do educando e respeitá-lo. No fundo, ninguém chega *lá*, partindo de *lá*, mas de um certo *aqui*. Isto significa, em última análise, que não é possível ao educador desconhecer, subestimar ou negar os “saberes de experiência feitos” com que os educandos chegam à escola.

Nesse sentido, não ocorreu jamais uma práxis pedagógica, em espaço-tempo nenhum, plenamente neutra, comprometida apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis, sendo a educação, por sua própria natureza, diretiva e política.

A prática educativa de libertação é encontrada somente em uma pedagogia na qual o/a oprimido/a tenha condições de refletir, descobrir e conquistar-se como sujeito da sua própria história. Uma prática arquitetada com a trama da dominação, por mais bem-intencionada que seja pelos/as educadores/as, é empecilho para possibilidades educacionais que possam ser desenvolvidas nas subculturas dos/das proletários/as e marginais.

Contrariamente, existe uma nova prática educativa na vida dessas subculturas, doravante delas e com elas, em um processo contínuo de reflexividade em busca da libertação — ou seja, uma reflexão, criação e recriação. A pedagogia do/da oprimido/a pode libertar ambos, o/a oprimido/a e o/a opressor/a (Freire, 2017).

A conscientização e a transformação da realidade aparecem em vários estudos com a mesma frequência, como se observa no Quadro 2 acima. Freire (2016) afirma que a conscientização é o desenvolvimento crítico da tomada de consciência, um “ir além” da fase espontânea da apreensão do real, para chegar a uma fase crítica na qual a realidade se torna um objeto cognoscível. A consciência determina a maneira pela qual o ser humano se relaciona com o mundo; por outro lado, é socialmente determinada pelas estruturas que nos rodeiam e podem ser transformadas.

A educação visa à libertação e à transformação radical do sujeito — educado, que educa também, tornando-se *ser-mais* — e da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os seres humanos sejam reconhecidos como sujeitos da sua própria história e não como objetos (Freire, 2016). A finalidade da educação progressista é, portanto, libertar da realidade opressiva e da injustiça.

No prefácio da obra *Conscientização*, de Freire (2016), destaca-se que a conscientização é o processo pedagógico que busca oferecer ao ser humano a possibilidade de descobrir-se por meio da reflexão sobre a própria existência. Ela consiste em inserir criticamente os seres humanos na ação transformadora da realidade, implicando, de um lado, no desvelamento da realidade opressora e, de outro, na ação sobre ela para modificá-la.

Contributos da Educação Física no contexto da Educação Popular

Para aprofundar a compreensão dos contributos da Educação Física no contexto da Educação Popular, o presente estudo organiza a análise a partir de três aspectos. Primeiramente, a “Educação Física como espaço de conscientização crítica e transformação social” se revela como um componente curricular que, quando orientado por princípios críticos, pode transcender o foco no desempenho físico para promover a reflexão, a autonomia e o engajamento social dos/das estudantes.

Em segundo lugar, a “Valorização da diversidade cultural e inclusão de práticas marginalizadas” discute a importância de integrar práticas culturais locais, afro-brasileiras e quilombolas, confirmando as realidades socioculturais dos/das estudantes e rompendo com um currículo tradicional e eurocêntrico.

Por fim, a seção “Metodologias participativas e desconstrução de estereótipos” aborda a implementação de práticas pedagógicas que colocam os/as estudantes no centro do processo de aprendizagem, estimulando a igualdade de gênero e a desconstrução de preconceitos sociais.

Essas três categorias são essenciais para demonstrar como a Educação Física, alinhada

aos princípios da Educação Popular, pode transcender o foco no desenvolvimento físico e constituir-se como um campo político e formativo, de ação educativa transformadora, voltada à construção de uma escola inclusiva, crítica e socialmente justa, constituindo um espaço de conscientização crítica e de transformação social.

Educação Física como espaço de conscientização crítica e transformação social

Correia e Borges (2024) discutem a alfabetização corporal como um eixo essencial dessa abordagem, na qual o corpo não é mais meramente um objeto de treino, mas sim um mediador do aprendizado e da conscientização crítica. Esse conceito está intimamente relacionado à *Pedagogia do oprimido*, de Freire (2017), que postula que a educação deve permitir aos/às estudantes desenvolverem uma “leitura do mundo” crítica.

Ao considerar o corpo como parte integrante da vivência social, a Educação Física se torna um meio para que estudantes reconheçam e questionem as estruturas de poder que moldam suas realidades. Esse processo de conscientização permite que a Educação Física se posicione como uma prática de resistência e emancipação, ao mesmo tempo em que desafia a lógica utilitarista do corpo como simples “mecanismo funcional” explorado pelo neoliberalismo. Nogueira, Maldonado e Freire (2023) aprofundam essa visão ao proporem uma pedagogia libertadora baseada na práxis, na qual a ação e a reflexão crítica sobre a prática são combinadas para catalisar mudanças sociais e educativas.

Ao fomentar uma participação ativa e questionadora, a Educação Física alinhada a esses princípios promove a formação de sujeitos críticos, capacitados para agir sobre suas realidades. Assim, como defendem Bonfietti e Prodócimo (2021, p. 7), o papel dos/das educadores/as deixa de ser o de “depositadores/as de conhecimento” e torna-se o de facilitadores/as do desenvolvimento de uma consciência crítica e de uma nova compreensão sobre o papel transformador da educação.

Valorização da diversidade cultural e inclusão de práticas marginalizadas

A inclusão e a valorização da diversidade cultural na Educação Física representam uma ruptura significativa com o currículo tradicional e hegemônico, permitindo que a escola se torne um espaço onde saberes e práticas culturais subalternizadas sejam valorizadas e celebradas.

Campos e Maldonado (2023) argumentam que práticas corporais quilombolas, como danças e jogos afro-brasileiros, podem ser integradas ao currículo para descolonizar a educação

e promover uma reconexão dos/das estudantes com suas origens culturais.

A abordagem decolonial defendida por Sousa (2021) vai ao encontro da crítica de Brandão (2012) à educação tradicional, ao sustentar que a Educação Popular deve respeitar e incorporar os saberes e valores da comunidade, valorizando os contextos culturais e sociais nos quais os/as estudantes estão inseridos.

Essa inclusão de práticas culturais marginalizadas permite que os/as estudantes se percebam nas atividades educativas, fortalecendo a autoestima e a identidade cultural. Nesse contexto, a perspectiva de Freire (2017) sobre a educação como um meio de superação das opressões culturais ganha relevância, pois, ao legitimar práticas como a capoeira, o samba e o jongo, a Educação Física contribui para a desconstrução do currículo eurocêntrico e da visão hegemônica do corpo e da cultura.

Paiva e Ghamoun (2016) ilustram essa ideia ao analisar a introdução da contradança de Santa Cruz como uma prática escolar que, ao conectar os/as estudantes com a cultura local, fortalece laços comunitários e incentiva o reconhecimento das identidades locais. Esse resgate cultural não é apenas educativo, como também um ato político, ao desafiar a exclusão histórica de práticas afro-brasileiras e indígenas do espaço escolar.

Metodologias participativas e desconstrução de estereótipos

As metodologias participativas na Educação Física representam um passo essencial para desafiar e desconstruir estereótipos sociais e de gênero, promovendo uma educação que respeita as diferenças e promove a igualdade.

Nesse sentido, Bonfietti e Prodócimo (2021) enfatizam que o diálogo e a escuta ativa são fundamentais para criar um ambiente no qual os/as estudantes se sintam ouvidos/as e valorizados/as. Essa prática rompe com a educação bancária, criticada por Freire (2017), e transforma o ambiente escolar em um espaço colaborativo no qual o conhecimento é construído de forma horizontal, questionando o modelo de relação tradicional entre docentes e estudantes, incentivando a participação dos/das estudantes como sujeitos de sua própria educação e desafiando uma visão que perpetua estereótipos e preconceitos.

Essa abordagem é particularmente relevante no contexto das discussões sobre o gênero. Zavatto Junior e Vasconcelos (2022) utilizam práticas participativas para fomentar o diálogo entre meninos e meninas sobre temas como respeito, igualdade e combate aos estereótipos de gênero. Além disso, ela proporciona uma visão crítica que permite aos/as estudantes questionarem os preconceitos, as normas e os papéis de gênero estabelecidos tanto na sociedade

quanto nas práticas escolares, promovendo a construção de relações mais respeitosas e equitativas.

Collier (2020) amplia essa abordagem ao explorar o planejamento participativo na Educação Física, no qual estudantes são convidados a cocriar o conteúdo das aulas com base em suas próprias necessidades e realidades culturais. Esse modelo permite que esses/as estudantes assumam uma postura ativa no desenvolvimento das atividades, fortalecendo o protagonismo e a autonomia. Ao oferecer a possibilidade de escolha e decisão sobre as atividades que realizam, o planejamento participativo os/as capacita a refletir criticamente sobre suas próprias práticas corporais, compreendendo a Educação Física não apenas como uma disciplina, mas como uma extensão da vivência social e cultural.

Além disso, esse processo permite que eles/elas desenvolvam uma consciência crítica sobre saúde e bem-estar, integrando dimensões socioculturais e políticas ao conceito de saúde, transcendendo a visão restrita e biomédica comumente associada à Educação Física.

A valorização da diversidade cultural, o uso de metodologias participativas e a incorporação de práticas marginalizadas voltadas para uma Educação Física que não apenas trabalha os corpos, mas constrói sujeitos críticos, conscientes e socialmente engajados, contribui para consolidar a Educação Física como uma prática educativa que promove a conscientização, a inclusão e a transformação social, tendo plena sintonia com os princípios da Educação Popular e da pedagogia crítica de Paulo Freire.

Essa abordagem, ao incorporar as realidades e experiências dos/das estudantes, fortalece a identidade cultural e a autonomia deles/as, incentivando-os/as a refletir e a questionar as injustiças e as desigualdades presentes em suas vidas e em sua sociedade.

Assim, os estudos analisados ilustram o papel fundamental que a Educação Física pode desempenhar ao se alinhar com os ideais de uma Educação Popular, contribuindo para uma formação cidadã e crítica, que ultrapassa as barreiras do treinamento físico para se tornar uma ferramenta de resistência, inclusão e transformação social.

Em conjunto, essas contribuições reafirmam a educação como ato político e emancipador, voltado à formação humana integral e à valorização de sujeitos e culturas historicamente marginalizados.

Considerações finais

Os resultados permitem afirmar que a produção acadêmica analisada reconhece a Educação Física como espaço potente de aproximação com os princípios da Educação Popular, sobretudo quando suas práticas pedagógicas se orientam pelo diálogo, pela participação, pela valorização dos saberes culturais e pela problematização crítica da realidade. No entanto, o *corpus* também evidencia que essa aproximação ocorre, majoritariamente, por mediação da pedagogia freireana.

A análise das produções científicas demonstrou que a Educação Física, ao incorporar princípios da Educação Popular, pode superar perspectivas tradicionais de ensino e afirmar-se como campo pedagógico comprometido com a diversidade cultural, a participação coletiva, a conscientização crítica e a transformação social. Nesse sentido, as práticas corporais deixam de ser tratadas apenas como conteúdos técnicos ou motores, sendo compreendidas como experiências culturais atravessadas por relações sociais, políticas e educativas.

Os artigos analisados evidenciaram que iniciativas como a valorização de práticas culturais locais, a desconstrução de estereótipos de gênero e o planejamento participativo contribuíram para a ressignificação da Educação Física escolar. Essas práticas, fundamentadas nos pressupostos freireanos de diálogo e problematização, reafirmam a capacidade da Educação Física de atuar como um agente de transformação social, ao mesmo tempo em que fortalecem a identidade cultural e a autonomia dos/das estudantes.

Por outro lado, os desafios enfrentados, como a resistência institucional e a predominância de currículos eurocêntricos, indicam a necessidade de maior engajamento político e pedagógico para consolidar essas mudanças. A superação dessas barreiras passa pela formação continuada de professores e de professoras, bem como pela criação de políticas públicas que incentivem abordagens críticas e inclusivas na Educação Física escolar.

Assim, a principal contribuição deste estudo consiste em evidenciar que Paulo Freire tem inspirado, recorrentemente, as discussões sobre Educação Popular no campo da Educação Física. Isso não significa afirmar que Educação Popular e pedagogia freireana sejam sinônimos, mas reconhecer que, nos artigos analisados, as categorias freireanas aparecem como uma das principais portas de entrada para pensar práticas corporais, currículo, participação e transformação social em perspectiva crítica.

REFERÊNCIAS

BONFIETTI, P. E.; PRODÓCIMO, E. Reflexões sobre a importância do diálogo em um fazer pedagógico na Educação Física escolar. **Estudos Aplicados em Educação**, São Caetano do Sul, v. 6, n. 11, p. 97-109, 2021. DOI 10.13037/rea-e.vol6n11.7729. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/pt_BR/article/view/7729. Acesso em: 19 out. 2024.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CAMPOS, F. W. M.; MALDONADO, D. T. Comunidades quilombolas, práticas corporais e Educação Física escolar: o estado da arte. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 2, p. 150-175, maio/ago. 2023. DOI 10.14393/REP-2023-68905. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/68905>. Acesso em: 21 dez. 2024.

COLLIER, L. S. Educação Popular em saúde e planejamento participativo na Educação Física escolar. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 230-245, jan./abr. 2020. DOI 10.14393/rep-v19n12020-49760. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/49760>. Acesso em: 25 jan. 2025.

CORREIA, M. S.; BORGES, C. N. F. Alfabetização corporal: nova perspectiva para o ensino da Educação Física na escola. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 1-24, jul./dez. 2024. DOI 10.14393/OT2024v26.n.2.72355. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhasesetrilhas/article/view/72355>. Acesso em: 30 mar. 2025.

DAMASCENO, M. N. **Artesania do saber: tecendo os fios da Educação Popular**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, [Campinas], v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. DOI 10.1590/S0101-73302002000300013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FIGUEIREDO, D. A. História da Educação Popular: uma leitura crítica. In: ASSUMPÇÃO, R. (org.). **Educação Popular na perspectiva freiriana**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. p. 55-74.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

FURTADO, R. S. Contribuições de Paulo Freire para a Educação Física escolar. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 150-170, jan./abr. 2023. DOI 10.14393/REP-2023-68569. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/68569>. Acesso em: 24 set. 2026.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola, 1991.

MACHADO, T. S. **Sobre o impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/dec970da-7287-4e3c-9aad-2ee703a74da2/content>. Acesso em: 16 set. 2024.

NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T.; FREIRE, E. S. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física escolar libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 296-319, 2023. DOI 10.14393/REP-2023-69138. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/69138>. Acesso em: 18 ago. 2025.

NOGUEIRA, V. A. *et al.* Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1265-1280, out./dez. 2018. DOI 10.22456/1982-8918.85020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/85020>. Acesso em: 17 jul. 2025.

PAIVA, W. A.; GHAMOUN, A. K. Dança e educação: considerações a partir da contradança de Santa Cruz. **Educação e Emancipação**, São Luís, v. 9, n. 1, p. 140-166, jan./jun. 2016. DOI 10.18764/2358-4319.v9n1p140-166. Disponível em: <https://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/4983>. Acesso em: 28 jun. 2025.

PILETTI, C.; PILETTI, N. **História da educação**: de Confúcio a Paulo Freire. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2024.

SOUSA, C. A. Círculo de cultura e Educação Física escolar: inspirações decoloniais em Paulo Freire. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 277-293, set. 2021. DOI 10.14393/REP-2021-62510. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/62510>. Acesso em: 25 out. 2025.

ZAVATTO JUNIOR, P.; VASCONCELOS, V. Relações de gênero na Educação Física escolar: contribuições da Educação Popular. **Motricidades**, [São Carlos], v. 6, n. 2, p. 102-114, maio/ago. 2022. DOI 10.29181/2594-6463-2022-v6-n2-p102-114. Disponível em: https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/pt_BR/article/view/2594-6463-2022-v6-n2-p102-114. Acesso em: 9 set. 2025.

Submetido em 13 de janeiro de 2026.

Aprovado em 20 de abril de 2026.